

Maria e Sophia

Confidências e Desabafos

Peça de teatro

Maria e Sophia

Confidências e Desabafos

Rosabela Afonso

Título: Maria e Sophia – Confidências e Desabafos
©2020 Rosabela Afonso e Editorial Novembro

Autor: Rosabela Afonso

Coordenação Editorial: Editorial Novembro, Edições Cão Menor, Unip. Lda

Conceção e Produção Gráfica: Editorial Novembro, Edições Cão Menor, Unip. Lda

Pinturas de Maria Barroso Soares e Sophia de Mello Breyner Andresen de Mafalda Rocha

1.ª edição: Setembro de 2020

Impressão e Acabamento: VASP DPS

Depósito legal n.º: 474129/20

ISBN: 978-989-54736-1-8

Reservados todos os direitos

Editorial Novembro

Uma Editora do Grupo de Comunicação Novembro

Rua S. João de Deus, n.º 116, 2.º andar, Sala 3,

4760-162 Vila Nova de Famalicão

www.novembro.pt

telf. 252 861 330

ADVERTÊNCIA

A presente obra está protegida ao abrigo do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos.

A utilização não autorizada pode configurar a prática de um crime de usurpação ou contrafação (artigos 195º e 196º do Código do Direito de Autor e dos Direitos Conexos) para além de incorrer em irresponsabilidade civil conducente a um pedido de indemnização.

© 2019, Rosabela Afonso

Todos os direitos reservados



EDITORIAL
NOVEMBRO

Esta é a minha sentida homenagem a todas e a todos os que sofreram e
pereceram nas masmorras da PIDE.

Sentida admiração por todas as mulheres que sofreram a dor da
ausência.

A minha vénia.

DESPACHO:
em _____ / _____ / 196__

Distribuído para leitura em 4 / 10 / 96_9
Recebido em 6 / 10 / 96_9

8.590 RELATÓRIO N.º _____

Autor: Mário Soares
Tradutor:
Editor: O autor - Lisboa
Proveniência: P. T. D.

ESCRITOS POLITICOS

Não se trata de matéria política de propagação eleitoral, mas sim de um ataque ao governo e às bases organico-políticas do actual sistema político-social.

Aliás, em termos geralmente inconvenientes pois alguns trechos capitulares tiveram, confesadamente, intervenção da Censura, quando apresentadas para jornais diários.

Tratando-se pois, como se trata, de uma obra de puro ataque político mal-intencionado e inoportunissimo, parece-me preferível proibir a sua circulação.

O leitor:
[Assinatura]

Dezembro, 1967. Lado exterior da Prisão de Caxias.

Maria chega devagar, mas com ar determinado, olha uma pedra grande, pondera sentar-se nela mas decide ficar de pé, à esquerda da pedra apenas um pequeno muro que servirá de banco a quem necessitar. À sua direita fica a porta principal da cadeia e ao lado desta uma pequena janela com grades.

Não se passa nada. Aguarda.

Passam longos minutos e chega Sophia, no seu passo saltitante e ar aristocrático.

Cumprimentam-se de forma carinhosa e nos seus olhares, prolongados, pode ler-se toda a carga da solidariedade feminina. Ambas conhecem bem o que ali as leva e a força que têm de ter e transmitir. Fraquejar nunca.

MARIA — Viva Sophia! Os nossos caminhos sempre a cruzarem-se.

SOPHIA — Verdade que sim, Maria. Antes fosse em melhor cenário...

MARIA — O pior nem é o cenário... *(diz com sorriso amargo)*.

SOPHIA — Não, de facto, tem toda a razão Maria, o pior, mesmo, são os figurantes... *(com desprezo)*

MARIA — ... e os figurões! *(com raiva)*

SOPHIA — Difícil, está a tornar-se muito difícil sobreviver neste país de crápulas, esbirros e espiões. Um país cujo regime sobrevive

à custa da repressão, violenta e brutal, de qualquer sinal de oposição. Vigiam, prendem, torturam e espalham o medo. Canalhas!

MARIA — Calma, tenhamos calma. A última coisa que nos podemos permitir é mostrar fraqueza. Façamos da nossa angústia força. Honremos os que visitamos e os que nos antecederam na luta.

SOPHIA — Bem sei, Maria, bem sei. Mas vivo com a indignação a queimar-me a garganta...

MARIA — Estou a passar o que a minha mãe passou antes de mim e em piores condições, com sete filhos a seu cargo e o venci-mento de professora primária. O meu pai também conheceu bem as perseguições e prisões da PIDE, os seus 74 anos foram passados na prisão sob a tortura do sono.

SOPHIA — Coitado... depois de tudo o que já passara antes. Que atrocidade. Malditos sejam!

MARIA — E sabe, Sophia, qual o erro que cometeu? Sonhar! Sonhava transformar o mundo da intolerância num mundo onde a igualdade e a felicidade fossem uma realidade.

SOPHIA — Como lamento! Tão revoltante! A revolta e a raiva dão-me ânimo e vontade de lutar e dessa massa moldamos os nos-sos filhos. E a propósito, como está o seu João e a Isabelinha?

SOPHIA (*Indicando o muro*) — Sentamo-nos?

MARIA — Sim, é melhor. Nunca se sabe quanto tempo tere-mos de esperar. Os filhos, felizmente, estão bem, hoje foram com o avô, o meu sogro, à Biblioteca, precisavam de uns livros. Todos os dias lhes falo no pai, na sua coragem e dedicação à nobre cau-sa que defende, a democracia. Explico-lhes o que significa estar preso, que o pai não fez nada de mal ou menos digno, pelo con-

trário, que temos de ter muito orgulho na sua ação e na sua força, porque luta por um país mais justo e melhor. E os seus, como estão a encarar este novo afastamento?

SOPHIA — Com tristeza e revolta. Os mais velhos começam a entender a razão das coisas, os mais novos fazem muitas pergun-tas. Tento responder de forma simples e clara, explicando sempre que o pai e muitos outros são uns heróis.

MARIA — Como lhes deve parecer estranho os heróis serem presos.

SOPHIA — Claro, Maria, tenho sempre o cuidado de explicar bem que sofrem por defender um mundo melhor, mais igual para todos. E faço questão que percebam que o pai é perseguido por defender e ajudar as vítimas do terror, da opressão e intimidação de um regime ditatorial.

MARIA — Sim, difícil para nós entender... quanto mais para eles, pobres crianças... (*pesarosa*). E as saudades? A falta que sinto do apoio, da ternura, da companhia do Mário... querem dobrar-nos pela tortura do afastamento. Não conseguirão!

SOPHIA — Não mesmo! A revolta encoraja-nos e o sofrimento acarinha e fortalece o amor.

MARIA — É isso que eu sinto, Sophia. Todos os dias lhe escrevo, é uma forma de estar presente na ausência. Os magros quinze minutos da visita semanal só servem para aumentar esta raiva e alimentar de matéria inflamável este meu corpo.

SOPHIA — E bem precisa de combustível, Maria. Não sei como consegue desdobrar-se e enfrentar sozinha enfrentar tantas tarefas.

MARIA — Não teria capacidade para as cumprir, se não fun-

cionasse alimentada a um qualquer combustível de extraordinária capacidade. É a casa, os filhos, o Colégio, com tudo o que isso implica, os cursos de alemão e de datilografia, cuidar das questões do escritório do Mário, dar resposta e resolver as preocupações dele, para as quais conta comigo e...

SOPHIA — E sei que diariamente ainda lhe traz ou envia as refeições. Não é verdade?

MARIA — É verdade, sim. Não dispenso ser eu a preparar as refeições que diariamente lhe envio ou trago. Sim, faço questão de ser eu! Só eu ponho amor na comida que lhe cozinho e, desta forma, me sinto mais perto e o sinto junto de mim. Além do mais, consigo perceber, pelo que resta da comida, como está de ânimo. Quando não come, percebo que está mais em baixo de forma, se não há restos fico contente, porque significa que se sente mais forte e esperançado. Enfim, tento ler os sinais.

SOPHIA — Ai, querida Maria, como a entendo, passo pelo mesmo. Tentamos perceber o indizível e ler os sinais que aos outros são impercetíveis. Só nós, que tão bem os conhecemos e estamos atentas, os sabemos interpretar.

Aproxima-se uma mulher, vestida de escuro e com grandes óculos graduados. Senta-se na ponta livre do banco e dirige um sorriso carregado de cínica simpatia, atirando um:

MULHER — *Boas tardes.*

Respondido por um desconfiado e frio inclinar de cabeça da parte de Maria e de Sophia.

A conversa mudou a partir daí.

SOPHIA — A primavera está a chegar, tomara traga bons ventos.

MARIA — Ainda tarda, as andorinhas ainda vão demorar.

SOPHIA — Ah, mas nem só de andorinhas é feita a primavera...

MARIA — Certamente que não, Sophia, mas quando os pássaros estão enjaulados resta-nos esperar por dias mais quentes. Os pássaros foram criados para voar, não gostam de ser privados de liberdade. Lá diz o poeta "Rouxinol sem bico não pode cantar... Rouxinol sem asas não pode voar"... mas será apenas até a primavera chegar, aí será bonito vê-los voar felizes e cantar em liberdade.

SOPHIA — Liberdade... bonita palavra. Até apetece... sei lá... fazê-la rimar, com vontade, por exemplo. Vontade de voar, de amar, de beijar quem amamos e de ir para a rua e gritar, abraçar e dar coragem a quem a perdeu, ou melhor, a quem o medo tolheu.

MARIA — Pois, verdade e liberdade também rimam e não será por acaso. E quando a primavera chegar tudo terá um brilho e um calor que aquecerá todos os corações.

(Em tom de desafio) — A primavera tarda, mas não será muito mais tempo.

A mulher fingiu-se distraída, limpando os óculos com um lenço que tirou da algibeira.

SOPHIA — Costumo vir com dois dos meus filhos, já que não me permitem trazer todos. Dizem-me que é traumático para as crianças verem o pai preso. Eu considero que os honra saberem

que o pai é herói e luta por valores como a democracia e a liberdade. Não concorda?

MARIA — Claro que concordo, o mais possível. E... então, porque não vieram hoje?

SOPHIA — Entre os deveres escolares e as constipações, hoje não foi possível vir com nenhum deles. Virão na próxima vez. Gosto que assim seja e dá ânimo ao pai receber a visita dos filhos.

MARIA — Sim, é verdade! Os meus filhos também fazem questão de visitar o pai e eu própria gosto que assim seja. E também lhe enviam cartas e mimos. Coragem não nos falta e a solidariedade e o amor fazem parte do sangue da nossa família.

SOPHIA — Nunca sei se o Francisco recebe os presentes que lhe envio ou trago, ou mesmo as cartas que lhe escrevo... hoje vou saber se recebeu a carta que lhe enviei no dia dos nossos vinte anos de casamento. Se pensam que matam o nosso amor desta forma... bem se enganam. Só o fortalecem... passados estes vinte anos voltámos ao namoro de janela, já que aqui apenas nos permitem falar através de um vidro (*a amarga ironia é notória na voz e no rosto*).

MARIA — Assim gosto de a ver, Sophia, com a sua ironia bem apurada. Porque essas são só algumas das incertezas que sobressaltam o nosso coração... se soubessem como alimentam a nossa determinação com essas atitudes. Eu e o Mário casámos por procuração, estava ele na cadeia do Aljube.

SOPHIA — Bem sei...

MARIA — Tão jovens que éramos, ele tinha apenas 25 anos e eu menos um e tanta coisa já aconteceu... lembro-me tão bem desse 22 de Fevereiro de 1949... E no dia do décimo terceiro

aniversário do nosso casamento estava preso, mais uma vez, e enviou-me o presente mais bonito que qualquer mulher pode receber... um poema maravilhoso. De tanto o ler decorei-o até hoje (*e diz com ar sonhador e apaixonado*)

Para ti,
meu amor,
levanto a voz,
no silêncio
desta solidão em que me encontro.
Sei que gostas de ouvir,
a minha voz,
feita de palavras ternas e doces
que invento para ti
nos momentos calmos
em que estamos sós.
sei que me ouves
agora
- uma vez mais -
apesar da distância
E do silêncio.
O amor,
querida,
opera esse milagre,
simples
como tudo o que é natural:
ouvir,